

A PALAVRA LATINA



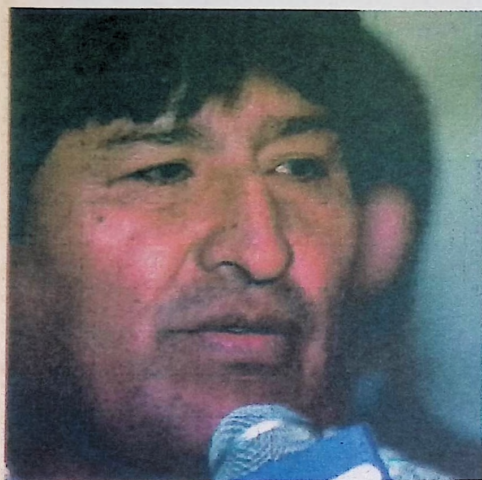
"Pela desmistificação do capitalismo e de sua imprensa conservadora, e em apoio às lutas populares legítimas em todas as suas formas"

Ano III - número 10 - São Paulo # Março/Abril de 2006 - R\$ 2,00

jornal associado ao



Esquerda avança na América



Evo Morales o novo presidente da Bolívia

Novos rumos se desenham para a integração latino-americana com a chegada do líder socialista e indígena Evo Morales à presidência da Bolívia. Boas perspectivas também se somam às conquistas já alcançadas, com as eleições no Peru, em abril, e no

México, em julho. É clara a desilusão dos povos americanos em relação ao modelo neoliberal e a ânsia em se libertarem da tutela estadunidense.

Pág. 3 e 5

Venezuela: território livre do analfabetismo

Mais do que um exemplo para o mundo, a erradicação do analfabetismo demonstra, na prática, como caminha a Revolução Bolivariana

Pág. 4



Crianças indígenas têm escola na Venezuela

nesta edição

Editorial

Alckmin: a prata-da-casa dos fundamentalistas liberais

2

Debate (Quase dois irmãos - Parte II)

Valter Pomar (Relações Internacionais-PT) responde ao professor Paulo Arantes

4

Opinião

O ilusionismo de um governo "sem-rumo"

6

Preso Político

Governo Lula mantém representante de paz das FARC detido

5

cultura

Crônica

Revisitando Kafka

9

Poucas Palavras

Guimarães Rosa, Marx e Engels, Roa Bastos, Joaquim Namorado...

11

Cinema

História da guerrilha salvadorenha sob a ótica de um menino

12

Capitalismo, ou “degeneração humana”

Alckmin: a prata-da-casa dos fundamentalistas liberais

Apesar de todo o esforço do Governo Lula, para atender as ordens do FMI e os interesses do grande capital e por mais que ele tenha garantido a felicidade dos banqueiros e especuladores, a elite brasileira optou afinal por uma legítima “prata-da-casa”.

Formado segundo os ideais da “Tradição, Família e Propriedade” (TFP) e “orientado” atualmente pela “Opus Dei” (bispaço fundamentalista católico de âmbito internacional), Geraldo Alckmin foi escolhido pelo PSDB – leia-se, pela cúpula do partido, sem eleições internas – como candidato à presidência da república.

Segundo as pesquisas de intenção de voto, José Serra seria o candidato com melhores condições de bater o PT. No entanto, o insípido Alckmin, que como governador mantém o controle do partido no Estado de São Paulo, conseguiu conquistar a confiança dos poderosos aristocratas nacionais, que enxergaram nele um legítimo representante de seus valores. Não que Serra ficasse muito atrás, em se tratando de ideologia reacionária – afinal ambos são “tucanos” neoliberais – mas pesou também o fato de que se o prefeito paulistano fosse o candidato presidencial, o PSDB não teria outro nome de peso para disputar o governo paulista, visto

que Alckmin não pode ser reeleito. E assim o tucanato arriscaria perder, numa só cartada, os dois cargos mais fortes do país.

Já o governador Alckmin – religioso, freqüentador e amigo da alta roda *Daslu* – tem um perfil totalmente alinhado com os interesses dos “coronéis” de plantão que infestam o parlamento. É um sujeito que atende melhor aos interesses daqueles que consideram que as coisas devem ser mudadas para que tudo fique como está. Ou seja, “mudanças” podem ocorrer, desde que venham no sentido de melhorar a concentração de renda – não esqueçamos do “desenvolvimento” dos abastados tupiniquins, que neste ano atingiu o número de 16 superbilionários (em meio a quase 160 milhões de brasileiros pobres).

Embora Lula e o PT tenham se mostrado afáveis aos interesses das grandes corporações, reproduzindo, inclusive, suas práticas corruptas para controle político do aparelho estatal, eles não perfazem o governo “plenamente alinhado” que os poderosos almejam. Talvez, um personagem popular como Lula fosse necessário às elites para conter uma eventual mobilização de massas que estivesse a ganhar as ruas. Porém, não é o caso. Longe disto.

Portanto, não bastou a Lula vender a alma ao diabo, desenvolvendo políticas economicistas de submissão aos poderosos capitalistas internacionais (juros altos, pagamento da dívida e *superávit* primário). A alta burguesia brasileira nunca confiaria plenamente num presidente originário do povo e eleito por um partido que ainda mantém

diversas interfaces com o movimento popular (CUT, MST, etc).

Já o PSDB continua sendo o grande fornecedor de quadros confiáveis na defesa intransigente do capital. Basta lembrar da farra das privatizações de Fernando Henrique (e Serra), quando o patrimônio público foi vendido, por exigência do FMI, com financiamento público (do BNDES), a preço de banana. O caso da ex-estatal Vale do Rio Doce foi especialmente emblemático. Construída no governo Vargas, esta empresa se tornou a maior mineradora do mundo, sendo praticamente “dona” do rico subsolo brasileiro. Mesmo assim – e talvez por isto – a poderosa estatal foi “vendida” fraudulentamente por míseros 3,5 bilhões de dólares, quando hoje, poucos anos depois, ela está avaliada em 50 bilhões de dólares. Seguramente este foi o maior roubo da história do país – diante destes “bilhões”, o “valerioduto” de “milhões” parece coisa de trombadinha.

Para piorar, e como era de se esperar, os conglomerados internacionais compradores das estatais não saldaram suas dívidas para com o BNDES e acabaram por prestar serviços de tão baixa qualidade que quebraram ou estão em vias disto: caso das ferrovias, Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), etc.

Hoje – ironias da história – o que a direita supõe conseguir é que o poder público reassuma as tais empresas privatizadas, as saneie e volte a vendê-las a preços módicos – sem descuidar, é claro, das regras do FMI e dos lucros dos bancos e grandes empresas. E nada nem ninguém melhor do que uma marionete de seu próprio quadro neoconservador para levar a frente esse “anti-projeto” de uma “nação para poucos”.

Autonomia Editorial

O Jornal *A Palavra Latina* não é vinculado a nenhum partido específico ou entidade, não recebe mensalidade, nem tampouco apoios empresariais que possam comprometer sua independência político-editorial.

Desta forma, seu custo produtivo intelectual é mantido por idealismo de militantes e colaboradores, e o custo material básico é garantido pelos parceiros e apoiadores – segundo as “cotas-assinatura” adquiridas por entidades progressistas (sindicatos, centros estudantis, etc).

A PALAVRA LATINA

Conselho Editorial

Yuri Martins Fontes, Waldo Lao, Ivan Leichsenring, Cassiano Novais e Bia Rangel (jornalista responsável), Luiz Coppieters Eliana Maciel, Cesar Cordaro e Sérgio Cursino.

Conselho Político

Alejandro Buenrostro, Carlos Aznarez, Carlos Latuff, Emir Sader, Gilberto Maringoni, Hamilton Octávio de Souza, Jorge Grespan, José Arbex, Lincoln Secco, Marcos Del Roio, Paulo Arantes, Vera Vieira, Zanini Hijo e o Conselho Editorial.

Comissão Administrativa: Yuri Martins, Jaime Soares e Luiz Coppieters

Imagens: Marcelo Min, Latuff, Maringoni, Waldo Lao e Yuri.

Revisão Final: Ivan Diagramação e Arte: José Mário e Frederico Henriques.

Correspondência e Exemplos: apalavralatina@yahoo.com www.acepusp.org.br/apalavralatina

Matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.

Tiragem padrão: 12.000 exemplares Periodicidade média: bimestral

Postos de Distribuição Fixa:

Livraria Acervo - Novos e Usados (Rua Artur de Azevedo, 723 Pinheiros -SP- Tel. 3062-0951)
Espaço Cultural O Jardim Elétrico (Av. Heitor Eiras Garcia, 80 Butantã -SP- Tel. 3733-4191)
O Jornal pode também ser encontrado nas principais Universidades, Centros Culturais e Teatros, Biblioteca Municipal e sedes de movimentos sociais, partidos e sindicatos progressistas.

Criaturinhas do nosso folclore

O LULUPIRA



Habita o planalto central. Ninguém sabe se anda para frente ou para trás

Esquerda avança na América

É clara a desilusão dos povos americanos em relação ao modelo neoliberal e latente a ânsia em se libertarem da tutela estadunidense

Yuri Martins Fontes e Waldo Lao*
[colaborou Luiz Coppieters]

É visível, nos últimos anos, o crescimento dos ansios por mudanças na orientação política de vários países da América. Partidos de esquerda (ou aparentemente de esquerda) – não-alinhados ao imperialismo, ou pelo menos não plenamente – vêm triunfando em muitas eleições, como recentemente ocorreu na Bolívia, onde o líder indígena e socialista Evo Morales chegou à presidência. Pode-se também citar, até certo ponto, os recentes casos do Chile e Haiti, com vitórias de uma centro-esquerda – que, embora de caráter ainda obscuro, representa também o desejo do novo.

A desilusão latente que se espalha entre os povos americanos perante o modelo liberal é similar à que ocorreu nas urnas do Brasil, Uruguai e Venezuela, há algum tempo. Além disto, neste ano, especialmente no Peru e no México, há boas perspectivas de vitória de partidos à esquerda da situação.

Apesar de que nem sempre as esperanças dos eleitores são respeitadas – como por exemplo nos casos de Lula, no Brasil e Tabaré, no Uruguai – essa tendência por um novo mundo demonstra que a população está saturada pelas contínuas desilusões provocadas pelo pensamento único capitalista, vigente nas últimas décadas em sua moderna forma pseudo-democrática – e que passou a ser aplicada logo após a derrubada das ditaduras militares.

Esta fase pós-militar do imperialismo – dita neoliberalismo – teve como seus “grandes” representantes

Carlos Salinas (México), Carlos Menem (Argentina), Alberto Fujimori (Peru), Sanches Lozada (Bolívia) e Fernando Henrique (Brasil), os quais assumindo as receitas do FMI, adotaram o modelo monocultural dos laboratórios estadunidenses – pautado pela lógica da criação de um exército de sub-empregados (e grande reserva de empregados) que anulasse o poder de barganha dos sindicatos. Isto se deu através da entrega dos recursos naturais e das instituições públicas fundamentais – energia, telecomunicações, bancos estatais e central, previdência social, mineradoras e etcétera – ao setor privado que passaria a operá-los segundo a lógica anti-social do mercado.

Esse esfacelamento dos direitos constitucionais tornaria o Estado fraco. Sua missão restrita passaria a ser interferir apenas em momentos emergenciais – leia-se salvar bancos, injetar dinheiro público em grandes obras que depois de prontas seriam privatizadas – de forma a manter a “tranquilidade dos mercados”.

Caberia, pois, ao “mercado”, com sua “racionalidade” própria, determinar as relações econômicas e políticas, enquanto o Estado teria “apenas” a função de conter os movimentos sociais – sempre contando, para tanto, com a manipulação da opinião pública realizada pela grande imprensa, cuja principal tarefa é a alienação da população e a criminalização de qualquer manifestação popular legítima. Tudo em nome da “ordem e do progresso”.

Ao longo das últimas décadas muitos movimentos sociais surgiram, opondo-se radicalmente ao regime estabelecido – a uma história oficial que não inclui os excluídos – e lutando por igualdade de oportunidades e por uma existência digna. Dentre esses movimentos, seguem firmes na luta: as FARC e o ELN (guerrilhas colombianas que remontam os anos 60), o MST e o Exército Zapatista (anos 80), os piqueteiros na Argentina e os ativos movimentos indígenas e camponeses andinos (Equador e Bolívia), dos últimos anos.

Tal capacidade de mobilização das massas foi a que recentemente conduziu

à vitória Evo Morales (líder do movimento cocalheiro) na Bolívia – primeiro presidente indígena em um país onde a imensa maioria são índios. Segundo suas primeiras declarações e atos, o objetivo primordial de Morales frente ao governo será o de reconhecer os indígenas não sob a tutela do Estado – o que os coloca à margem do processo político – mas como cidadãos, portanto sujeitos políticos, agentes da História, ressaltando suas características particulares das culturas andinas; além disso, repatriar os recursos nacionais bem como as instituições privatizadas pelo câncer neoliberal. Enfim, propor um novo modelo social e político, já que o capitalismo, em suas palavras, “não oferece nenhuma solução para os problemas nacionais”.

No início de sua campanha, Morales fortaleceu os laços com a Venezuela, Cuba e mesmo com Brasil e Argentina, visando integrar a Bolívia a esta comunidade latino-americana de Estados, que começa a se desenhar – um novo modelo que abre a possibilidade para repensarmos nossa identidade cultural, nossos laços, nosso futuro e, o mais importante, a forma como juntos poderemos lutar contra o brutal imperialismo dos Estados Unidos.

Além disso, através do continente, outras vitórias não-alinhadas – embora não se saiba ainda que rumo tomarão – podem vir a fortalecer o bloco latino-americano: a vitória de Michelle Bachelet, a primeira mulher a presidir o Chile (eleita com um programa de centro-esquerda), e que promete reabrir as conversas com o governo boliviano a respeito da saída deste país ao mar – território invadido pelos chilenos na guerra contra a Bolívia há cerca de um século.

No Haiti, apesar das eleições confusas por causa da frágil situação política e do precário sistema eleitoral, a população optou por René Préval, um dos 33 candidatos que concorreram ao cargo presidencial. Préval, que fora o primeiro-ministro do ex-presidente Jean-Bertrand Aristide – deposto pela CIA – prometeu exigir a retirada das tropas da ONU comandadas pelo

Brasil, “assim que a polícia nacional estiver estruturada”.

Já na Nicarágua, as prévias para as eleições deste ano levam a crer que os sandinistas retomarão o poder – que lhes foi usurpado em 1990, com o apoio dos EUA aos “Contras”.

De volta ao Sul, no Peru, para o pleito de abril, coloca-se como boa alternativa o nacionalista Ollanta Humala, que desde o princípio da campanha é atacado e difamado pela elite peruana por ser amigo do presidente venezuelano Chávez.

Por fim, o caso do México. A campanha eleitoral já começou e as eleições do meio do ano parecem apontar boas novas para este que é o país que mais sofre com a influência do Império vizinho. O candidato Manuel Lopez Obrador, do Partido Revolucionário Democrático (PRD) tem uma significativa vantagem nas pesquisas de opinião. Resta saber se a direita perpétua do PRI (Partido Revolucionário Institucional – mais de 70 anos no poder) e do atual neoliberal Vicente Fox (Partido da Ação Nacional), não conseguirá sabotar as eleições, como é de hábito neste rico e imenso país – e como tal, estratégico para os interesses estadunidenses. Entre as tantas tarefas que esperam um real “presidente da república”, caberá recuperar a já quase privatizada PEMEX (Petróleos Mexicanos), repensar as relações econômicas e migratórias com o vizinho do Norte, resolver o conflito indígena e social em Chiapas – reconhecendo os *Acordos de San Andrés* – e aproximar-se do Mercosul, nesta nova era latino-americana.

Como afirmou Hugo Chávez, no Fórum Mundial Social deste ano (Caracas): “não há como fazer políticas populares sem entrar em embate com a direita”. Que os novos governantes de nossa América não se esqueçam dos compromissos assumidos com suas nações – como ocorre com alguns ex-trabalhadores, ex-socialistas e ex-grandes líderes. Pois o povo é paciente, mas sabe a hora de despertar.

* [Todos da redação]



Waldo Lao

Venezuela: um território livre do analfabetismo

Luismi Uharte Pozas*

No dia 28 de outubro passado, a Venezuela foi declarada “território livre do analfabetismo”.

Em escassos dois anos, graças ao esforço massivo implementado através da Missão *Róbinson*, o governo bolivariano conseguiu erradicar uma das maiores cicatrizes que afligem o mundo: o analfabetismo.

Em 1º de julho de 2003 colocou-se em marcha um grande esforço que mobilizou milhares de voluntários, cujo claro objetivo era de ensinar a ler e a escrever aproximadamente um milhão e meio de venezuelanos. Dois anos depois, a UNESCO, incluía a Venezuela como um novo país livre de analfabetismo. A obtenção deste título é importantíssima, já que algo assim não ocorria desde que a Revolução Cubana havia conseguido alfabetizar todos seus cidadãos nos primeiros anos do processo revolucionário. Não é de se estranhar, por isto, que a ajuda e a orientação da república irmã

Cuba tenha sido fundamental à obtenção deste objetivo num período de tempo tão reduzido. O método denominado “Sim, eu posso”, tem sido a grande contribuição da Revolução Cubana nesta batalha contra o analfabetismo. A partir de agora, o 28 de outubro converte-se, para a Venezuela bolivariana, no dia nacional da alfabetização, e portanto numa data fundamental em seu calendário anual.

Contudo, como bem apontou o presidente Hugo Chávez: “devemos estar felizes mas não conformados”. Com efeito, a Missão *Róbinson II* converte-se na ferramenta fundamental para que dezenas de milhares de venezuelanos possam se capacitar no ensino primário. De fato, em poucos meses, os primeiros grupos dessa segunda missão vão se graduar, e é certo que a maioria deles continue com seus estudos, incorporando-se à Missão *Ribas*, que se encarregará do ensino secundário.

(tradução de Ivan Leichsenring)
*[do *Resumen Latinoamericano*]



Hugo Chávez recebe da Unesco declaração de que a Venezuela é mais um “território livre do analfabetismo”, assim como Cuba

Quanto pior, melhor?

Valter Pomar (PT) envia carta a A Palavra Latina em resposta ao artigo “Quase dois irmãos: PT e PSDB”, do prof. Paulo Arantes

Valter Pomar*

A edição número 9 de A Palavra Latina publicou artigo do professor Paulo Arantes, intitulado “Quase dois irmãos: PT e PSDB”. Nele, o professor faz uma análise extremamente pessimista da situação política brasileira, chegando à conclusão de que estamos entre duas alternativas: “uma derrota que aprofunda a desmoralização de todo o campo popular e uma vitória que confiscará de vez a consciência política dos espólios de sempre”.

Embora o artigo de Arantes tenha aspectos interessantes, o núcleo do seu raciocínio me parece errado. Ao contrário do que afirma, PT e PSDB, governo Lula e governo FHC, não são a mesma coisa, não expressam os mesmos interesses sociais, não são “quase dois irmãos”. A vitória de um ou de outro fará enorme diferença, tanto para a vida dos trabalhadores, quanto para as perspectivas da esquerda, no Brasil e na América Latina. Não é por outro motivo que a maior parte da esquerda latino-americana, Fidel e Chávez incluídos, trabalham pela reeleição de Lula.

Arantes reconhece as consequências de uma eventual derrota do PT e de Lula, nas eleições de 2006: “será vista como confirmação de uma inferioridade de classe inquestionável, legitimando de vez a nova onda reacionária que estará varrendo dentro em pouco o país”. Mas se estamos diante de uma “onda reacionária”, por quais motivos Arantes gasta a maior parte de seu artigo criticando o PT e o governo Lula, sobrando até mesmo para o desenvolvimento tipo “Carlos Lessa”, dedicando tão pouca ou quase nenhuma atenção ao

desenvolvimento tipo tucano, representado por Serra? Ou para o conservadorismo *Opus Dei* expresso por Alckmin?

Milito no PT desde os anos oitenta, fui vice-presidente do Partido de 1997 a 2005 e respondo atualmente pelas relações internacionais dele. Sei muito bem que os motivos para criticar o PT e Lula existem e são muitos. Mas se, como reconhece Arantes, Lula e o PT são “o candidato e o partido que o povo ainda reconhece como seus”, a tática de quem se considera socialista não pode ser atacar Lula e o PT, nem tampouco lavar as mãos sobre o que pode acontecer em 2006.

Acontece que, para Arantes, uma vitória de Lula e do PT “consagrará na verdade o pior do novo populismo, uma aliança dos grotões com as camadas rentistas” e “confiscará de vez a consciência política dos espólios de sempre”. Impossível não ver, nesse tipo de raciocínio, a melancolia pessimista (“não há saída”) do marxismo ocidental.

Arantes afirma que “tão cedo não se apresentará uma força política em condições de ocupar o lugar vago deixado pelo PT no campo popular”. É seu direito achar que os esforços da esquerda petista serão em vão. Penso diferente e trabalho para que o PT se reafirme como partido socialista. Mas, para os que pensam como Arantes, deixo a pergunta: será mais fácil reorganizar a esquerda brasileira, no contexto de uma onda reacionária?

*[Secretário de Relações Internacionais do PT]

Bolívia

Uma nova estrela vermelha no continente

O triunfo de Evo Morales foi excepcional. Não somente porque sepultou qualquer manobra por parte da direita parlamentar, mas porque a vitória chega em um momento preciso de diversos enfrentamentos à prepotência ianque por toda a América Latina

Carlos Aznares*

Vamos por partes. Evo ganha porque, como ocorreu em 1998 com Hugo Chávez, o líder do *Movimiento Al Socialismo* (MAS) vem trabalhando desde há muito tempo com um plano gradual de aproximação ao poder. Não se trata de gestos improvisados nem de oportunismo. E v o começou a gestar esta avalanche de votos — que obteve agora — nos rincões cocaleiros do interior boliviano (Chapare), ao iniciar a briga pelo direito dos indígenas plantadores de folha de coca, contra os governos locais submissos aos interesses gringos. Foram inúmeras manifestações exigindo dignidade para um povo vilipendiado e

excluído por uma mínima elite branca que sempre governou o país com mão dura e feudal.

Evo dirigente sindical, Evo referência dos povos nativos, Evo deputado exigindo no Parlamento cada uma das reivindicações que logo se tornariam o programa eleitoral do MAS, Evo na luta pela água e

revolucionário, reivindicando as idéias de Che e de Bolívar. Irmão de Fidel e Chávez, aliado deles nos sonhos de uma América Latina unida.

Assim se foi construindo essa vitória, com rebeliões que demoliram presidentes neoliberais e o aproximaram, junto ao

seu partido, da estratégia continental do “Congresso Bolivariano dos Povos”.

Agora chega a hora de governar, de pôr em prática tudo que seu povo espera dele: nacionalização do gás e petróleo, Assembléia Constituinte com ampla participação popular, desenvolvimento de uma nação multicultural, fortalecimento das relações com o Mercosul e, sobretudo, integração plena à estratégia bolivariana lançada por Fidel e Chávez — e à qual se estão somando, uns mais outros menos, Argentina, Uruguai e Brasil.

Diante destes planos de soberania e avanço rumo ao socialismo, Evo encontrará fortes obstáculos na oligarquia local, na embaixada norteamericana e nas poderosas empresas que detêm os recursos naturais do país



Bolivianos celebram a vitória de Evo

(como a *Repsol* espanhola). Não será simples se esquivar dos golpes e atos hostis com que o imperialismo t e n t a r á

encurrular a vitoriosa gestão de esquerda, mas a chave para qualquer confronto está sintetizada na frase dita por Evo, em seu discurso de posse: “mandaremos, obedecendo ao povo”. Daí surgirá a melhor defesa a esse processo que se inicia.

Enquanto isso, celebremos a ascensão ao governo deste compatriota indígena, camponês, rebelde e anti-imperialista que sem dúvida produzirá um levante geral na autoestima de um conjunto de classe populares do continente e do mundo.

*[Editor do *Resumen Latinoamericano*]

México

Zapatistas sobre rodas: um novo diálogo

Os Zapatistas comemoraram o início do ano com dose dupla. Além dos seus doze anos de insurreição, se preparam para realizar uma caravana nacional com a finalidade de reforçar o diálogo com a sociedade civil e com inúmeros grupos e organizações.

A caravana, que atravessará todos os estados do México em seis meses, é uma nova fase de atuação que criará espaços para discutir e repensar, com a população, o modelo político mexicano das últimas décadas, sempre favorável às oligarquias. Assim, incorporar as demandas das minorias será a lógica de uma grande busca que pretende construir, desde a base, uma opção socialista contra o brutal neoliberalismo.

A iniciativa zapatista surgiu a partir

da “Sexta Declaração da Selva Lacandona”, bem como dos muitos encontros, em Chiapas, com organizações civis e com estudantes. Esta atitude lembra o ano de 2001, quando o EZLN foi até a Cidade do México exigir do governo Vicente Fox a aprovação dos “Acordos de San Andrés”, que até hoje não foram sancionados.

Segundo palavras do subcomandante Marcos: “A outra campanha”, não é uma via eleitoral mas uma outra forma de fazer política, que é antecedente ao processo formal de eleições”

Esta nova etapa do Movimento Zapatista espera impulsionar a conscientização do povo mexicano e, conseqüentemente, operar uma transformação da política nacional.

FARC

Liberdade a Oliverio

Oliverio Medina, interlocutor das FARC em prol das negociações pela paz colombiana, preso político do governo Lula há quase um ano, envia mensagem ao povo brasileiro: “Sinto que só o meu corpo está preso”

Padre Oliverio Medina

Na maioria de nossos países, se apresenta uma etapa de lutas e resistência. São lutas diversas, identificadas pelo libertador Simon Bolívar do seguinte modo: “Os Estados Unidos parecem destinados pela providência a infestar a América de misérias em nome da liberdade”. Daí que o terrorismo de Estado, hoje chamado “Democracia Profunda”, tenha adquirido a forma de “concepção de Estado”.

Por isso, hoje a Colômbia vive a perseguição, a tortura, o assassinato e a extradição de seus cidadãos aos EUA, o genocídio político, o desterramento de mais de 3 milhões de camponeses, o cárcere para cerca de 6.000 presos

políticos e o crescimento da miséria gerada pela concentração de renda mais escandalosa do mundo.

Minhas atividades pela Paz com Justiça Social e meus esforços em buscar o apoio da comunidade internacional para que esta realidade surja em meu país foi e será em minha vida a bandeira mais importante, até o fim dos meus dias.

Sinto que só o meu corpo está preso, pois minhas idéias e minha luta voam velozes nas asas da solidariedade revolucionária de tantas amigas e amigos. Sigamos firmes e confiantes que ganharemos essa batalha. Como diz também Bolívar: “Unidos seremos invencíveis”

Apoie o comitê Liberdade Oliverio:
www.liberdadeoliverio.org

O ilusionismo de um governo "sem-rumo"

Hamilton Octavio de Souza*

Concordo com as lutas dos sem terra, sem teto, sem universidade. Concordo com as lutas dos que querem justiça, igualdade e melhores condições de vida. Concordo com a luta por emprego; aumento do salário mínimo, remuneração justa, redistribuição da renda e da riqueza e por ensino público e gratuito para todos em todos os níveis. Concordo que a sociedade brasileira pode ser bem melhor do que é, em valores e princípios. Concordo que o País tem todas as condições e recursos naturais, técnicos e humanos, para proporcionar um futuro melhor para todos. Mas não posso concordar com um governo sem rumo, com um partido sem direção e com um projeto político que trata única e exclusivamente da perpetuação de um pequeno grupo de pessoas no poder – para usufruir o poder em seu benefício próprio, sem levar adiante as mudanças que o povo reclama.

Vamos pensar um pouco: qual é o projeto do governo federal? Fazer *superávit* primário para pagar os juros dos credores e adiantar o pagamento das parcelas da dívida com o FMI? Às custas de quais sacrifícios estão sendo obtidos tais *superávits*? Quantas crianças e jovens abandonaram a escola por que suas famílias precisaram de seu trabalho prematuramente? Quantos estudantes deixaram de estudar por que não encontraram vagas em escolas públicas e não tiveram recursos para pagar escolas privadas? Quantas pessoas ficaram sem casa, sem saneamento básico, sem atendimento médico, sem educação, por que o governo não investiu em serviços públicos, mas priorizou o pagamento de juros aos banqueiros nacionais e estrangeiros? *Superávit* primário não é obra de governo de país com população pobre e miserável.

Também não é obra de governo de país carente manter juros altos, que favorece quem especula, o que, no fundo, representa transferência de renda dos trabalhadores que pagam impostos para os capitalistas que lucram com os juros altos. Há quantos anos o povo pobre e trabalhador do Brasil vem transferindo

renda para as elites ricas? O governo FHC consolidou essa política e o governo Lula a manteve. Ambos os governos funcionaram para concentrar mais renda e riqueza nas mãos das elites. Não basta distribuir cestas básicas para quem passa fome, não basta fornecer uma pequena ajuda financeira para quem não tem emprego nem renda. Isso é esmola, apenas perpetua a carência e a miséria. O assistencialismo não é obra de governo, não é política social e não é rumo para o País. Obra de governo é o enfrentamento do problema, é a mudança da política econômica, é a transformação da situação estrutural, é gerar emprego e incorporar ao processo produtivo milhões de famílias. Obra de governo é substituir a esmola pela dignidade, que se conquista com a reforma agrária, com o investimento no desenvolvimento industrial, com o aumento da escolaridade gratuita e fornecida pelo Estado, com a elevação dos salários e com fixação de limites para conter ganância da exploração capitalista dos mercados.

Não é obra de governo encher os jornais e as emissoras de rádio e TV de propaganda ufanista e sem qualquer interesse público, que custa uma fortuna aos cofres do Estado, e apenas tenta conter a crítica da mídia e enganar a opinião da população. Não é obra de governo distribuir indistintamente verbas públicas para parlamentares de todos os partidos apenas para mantê-los atrelados e sob a tutela dos governantes, sem que o dinheiro tenha finalidade clara de interesse da população. Não é obra de um governo minimamente sério ficar criando factóides em ano eleitoral apenas para fazer o jogo do *marketing* e iludir as pessoas com a falsa ideia de que se trata de alguma ação governamental de verdade. Estamos diante de puro ilusionismo, mais um blefe contra o povo brasileiro. A saída para o Brasil não passa necessariamente pelo processo eleitoral. Passa pela mobilização popular – de todos os trabalhadores – e pela conquista efetiva de direitos. O nosso voto está nas ruas. O resto é ilusão dos sem rumo.

*[jornalista e professor da PUC-SP]

Curtinhas

Salário Mínimo subirá para R\$ 350,00 em abril

Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE), o aumento concedido pelo governo Lula significa um reajuste real de 12,07% (descontada a inflação de 4,1%). Desta forma, o mínimo chega ao seu maior valor de compra em mais de 20 anos. Durante este governo, o mínimo aumentou 75%.

Imposto de Renda: trabalhadores pagam três vezes mais que bancos

Segundo o Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal, cerca de 24% do PIB brasileiro advém dos tributos federais. Deste total, 52% são resultantes da tributação sobre o consumo, o que onera desproporcionalmente a população de baixa renda.

Deste modo, o inacreditável aconteceu: os trabalhadores de carteira assinada em 2005 pagaram três vezes mais impostos do que os bancos! E isso sem contar que os banqueiros já estavam rindo à toa, já que os juros altos que fazem seus lucros crescerem de modo exponencial.

Bilhete Único

A prefeitura Serra, em mais uma medida anti-popular, prejudicou os paulistanos. Se antes, no governo Marta, os usuários de ônibus realizavam quantas viagens quisessem com o bilhete único no tempo de duas horas, hoje, além da falta de cartões à venda, o número de viagens foi limitado para no máximo quatro – e há a intenção, não realizada por demais impopular, de reduzir o tempo da integração para 40 minutos! Não bastasse isso, agora quem não se recadastrou enfrentando as filas e a burocracia, não mais poderá recarregar seu bilhete dentro dos ônibus. Pra que simplificar, quando se pode complicar – pensa o tucano-vampiro.

República Dominicana exige saída de tropas ianques de seu território

Ivan Leichsenring

Em repúdio à presença de 800 soldados dos EUA no território dominicano desde o último 10 de fevereiro, 23 organizações políticas e sociais exigiram a retirada imediata das tropas estadunidenses. Numa marcha de protesto embaixo de chuva, que acabou em frente à embaixada de Estados Unidos (na capital Santo Domingo), a coalizão de esquerda *Unidad del Pueblo* da República Dominicana assinou um documento no dia 14, entregue aos representantes de Washington, qualificando de inadmissível a presença de tropas estrangeiras na República Dominicana.

“Exigimos respeito à nossa condição de nação livre e soberana, e exigimos [do governo dos EUA] a retirada do contingente militar desembarcado”, afirmou Iván Rodríguez, coordenador-geral da coalizão. “É uma afronta a nossa dignidade, mais ainda quando essas tropas são do país que nos invadiu militarmente em duas ocasiões com o pretexto de salvar vidas, matando milhões de dominicanos e deixando uma grande dívida de sangue acumulada”, enfatizou.

Os militares ianques estão na República Dominicana, supostamente, numa missão humanitária, ajudando na construção de unidades de saúde e de escolas; mas não é o que pensam os manifestantes: “Não se pode ajudar humanitariamente com tanques e bombas, se querem construir escolas que as construam em Nova Orleans, onde há falta”.



Boyet

El Pensamiento rebelde de Fidel Castro: revolucionario, socialista y hombre digno

En el Aula Magna de la Universidad de La Habana, Fidel há expuesto con pasión sus ideas - cuando cumple 60 años de su ingreso a la Universidad. Abajo, los principales fragmentos del discurso.

Fidel Castro Ruz



EL OFICIO DE REBELDE -

Tal vez circunstancias especiales de mi vida me hicieron reaccionar. Pasé algún trabajo desde muy temprano y fui desarrollando, quizás por ello, el oficio de rebelde.

Por ahí se habla de los rebeldes sin causa; pero a mí me parece, cuando recuerdo, que era un rebelde por muchas causas, y agradezco a la vida haber seguido, a lo largo de todo el tiempo, siendo rebelde, aun hoy, y tal vez con más razón, porque tenga más ideas, porque tenga más experiencia, porque haya aprendido mucho de mi propia lucha, porque comprenda mucho mejor esta tierra en que nacimos y este mundo en que vivimos, hoy globalizado y en minutos decisivos de su destino.

UN MUNDO DE EGOISMO -

Este mundo insensible que gasta un millón de millones de dólares cada año en objetivos de carácter militar —ya son dos millones de millones—; este mundo insensible que extrae de las masas empobrecidas, de la inmensa mayoría de los habitantes del planeta, varios millones de millones de dólares cada año, y permanece indiferente cuando le dicen que allí han muerto alrededor de 100 000 personas, entre ellos, tal vez, 25 000 ó 30 000 niños, o donde hay más de 100 000 heridos, y la gran mayoría sufriendo fracturas de hueso en los miembros superiores e

inferiores del cuerpo, y de los cuales, si acaso, se habrán operado un 10%, donde hay niños con miembros mutilados, jóvenes, mujeres y hombres, ancianos.

LAS ARMAS MORALES - Nosotros poseemos otro tipo de armas nucleares, son nuestras ideas; nosotros poseemos armas del poder de las nucleares, es la magnitud de la justicia por la cual luchamos; nosotros poseemos armas nucleares en virtud del poder invencible de las armas morales. Por eso nunca se nos ha ocurrido fabricarlas, ni se nos ha ocurrido buscar armas biológicas, ¿para qué? Armas para combatir la muerte, para combatir el SIDA, para combatir las enfermedades, para combatir el cáncer, a eso dedicamos nuestros recursos, a pesar de que el bandido aquel —ya no me acuerdo cómo se llama el tipejo que han nombrado, no sé si Bolton, Bordon, qué sé yo—, nada menos que representante de Estados Unidos en Naciones Unidas, un supermentiroso, descarado, inventor de que Cuba estaba investigando en el Centro de Ingeniería Genética para producir armas biológicas.

CUBA DIGNA - Vean qué estrategias se van diseñando, que nos introducen a nosotros en la estrategia del mundo, siendo un minúsculo país, aquí a 90 millas del colosal imperio, del más poderoso que existió jamás a lo largo de la historia, y han pasado 46 años y ahí está más distante que nunca de lograr poner de rodillas a la nación cubana, aquella que humillaron y ofendieron durante algún tiempo; aquella de la que fueron dueños, dueños de todo: minas, tierras, cientos de miles de las mejores

hectáreas; de sus puertos, de sus instalaciones, de su sistema eléctrico, de transporte, bancario, comercial, etcétera, etcétera, y creen los muy idiotas que van a volver aquí y los vamos a llamar de rodillas: “Vengan a salvarnos una vez más, salvadores del mundo; vengan, que les vamos a entregar todo otra vez, y esta universidad, para que pongan en ella 5.000 y no medio millón, porque medio millón es mucho para la mentalidad de ustedes, que querían ver desempleados y hambrientos para que la porquería de capitalismo ese funcione, porque es solo a base de un ejército de la reserva para que funcione; vengan y reproduzcan otra vez los desempleados analfabetos que hacían colas en las proximidades de los cañaverales, sin que nadie les llevara una gota de agua, ni desayuno, ni almuerzo, ni albergue, ni transporte. Búsquenlos a ver dónde los encuentran, porque aquí están sus hijos estudiando en las universidades por cientos de miles”.

REVOLUCIONARIO Y SOCIALISTA - Y si de confesiones se trata, cuando terminé en esta universidad yo me creía muy revolucionario y, simplemente, estaba iniciando otro camino mucho más largo. Si yo me sentía revolucionario, si me sentía socialista, si había adquirido todas las ideas que hicieron de mí, y no podía haber ninguna otra, un revolucionario, les aseguro con modestia que hoy me siento diez veces, veinte veces, tal vez, cien veces más revolucionario de lo que era entonces. Si entonces estaba dispuesto a dar la vida, hoy estoy mil veces más dispuesto a entregar la vida que entonces.



Por liberdade e moradia: ocupação do “Sítio Evaristo”

Alexandre Igrecias*

Mais uma violência vem sendo preparada contra o movimento de moradia e a luta do povo pobre. A ocupação “Sítio Evaristo” em Caucaia do Alto, Cotia (na grande São Paulo), pode sofrer um despejo a qualquer momento. As mais de 100 famílias organizadas pelo Movimento Terra Trabalho e Liberdade (MTL), com mais de 300 crianças, estão para serem jogadas na rua sem qualquer amparo, em virtude da convivência criminoso do poder judiciário com o suposto proprietário do terreno (que apresenta apenas uma duvidosa procuração de validade), que determina o despejo sem a necessária estrutura, sem destino certo para as famílias e sem mesmo o conselho tutelar ser notificado.

O MTL é um movimento social nacional que une as lutas do povo oprimido no campo e na cidade. Pedimos o apoio de todo àquele que não pode se calar diante da injustiça. Lutamos por moradia, por emprego e não permitiremos que nossos filhos sejam jogados na rua após 10 anos de moradia no antigo sítio. Estamos, também, recolhendo doações de livros para a escola da ocupação e alimentos. Contamos com todo o apoio de estudantes, sindicatos e pessoas comprometidas com o povo pobre.

www.mtl.org.br
mtlsp@yahoo.com.br
telefone (11) 7115-5585

*[militante do MTL]

Economia mundial cresce menos que população trabalhadora

Yuri Martins Fontes*

Segundo relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT), o número de desempregados em 2005 aumentou – como inclusive vem ocorrendo há anos. Hoje são quase 200 milhões de pessoas, segundo o órgão.

“Desastres naturais, encarecimento do petróleo [devido à guerra dos EUA contra o Iraque] e falta de capacidade dos governos em democratizar o crescimento (de 4,3% do PIB) atingiu especialmente a população mais pobre” – afirma o documento.

Ou seja – para piorar ainda mais a situação – os lucros e benefícios não chegaram a quem precisava. Em sua maior parte foram mantidos nas mãos ou contas de grandes corporações financeiras. “Apenas 3% do meio milhão de trabalhadores que vivem abaixo da ‘linha-de-pobreza’ [leia-se “miséria”] passaram a receber mais de um dólar por dia (R\$ 70,00 mensais)”.

Segundo a OIT, a região mais problemática foi justamente a América Latina, com a taxa de desemprego chegando de 7,4% em 2004, a 7,7% em 2005. E isso com o agravante de que o aumento de ofertas de trabalho foi marginal (isto é, foi criado *sub-emprego*). O estudo alerta ainda que, com a tendência de diminuição de crescimento do PIB prevista para os próximos anos (5,5% em 2004, 4% em 2005 e previsão de 3,8% em 2006), o problema se

acirrará: “Seria necessário que a região crescesse 7% para que fossem gerados empregos”, concluiu um dos pesquisadores.

E para diminuir a esperança dos otimistas de plantão, dentre os 25 países ditos emergentes, o Brasil foi o que menos cresceu (2,8%), ficando bem atrás de Argentina, Venezuela – países cujo crescimento girou em torno dos 10% - e especialmente de Cuba (cerca de 12%).

“Coincidentemente”, os que mais cresceram foram países com políticas ousadas (cada qual segundo seus métodos). Mesmo o argentino Kirchner, presidente “apaga-fogo” eleito sem muitas expectativas, apesar de conservador foi firmemente nacionalista: deu um calote de 75% numa renegociação da dívida externa, algo de fazer inveja a qualquer brasileiro. Se Lula tivesse coragem para fazer o mesmo o Brasil poderia, em três ou quatro anos, erradicar por completo a miséria, já que o que se gasta só em juros da dívida é mais do que o orçamento inteiro dirigido para Saúde, Educação, Reforma Agrária, Cultura, Habitação Popular, Ciência e Tecnologia e Infra-Estrutura! É matemática simples.

Há crescimento, mas alguém do necessário; excesso de discursos, promessas, mas atitudes por demais polidas, viciadas pelo freio conservador. Cordialidade esta que age em nome da suposta democracia que nunca abrange mais do que a minúscula classe média.

Boas intenções nunca são lentas, quando a fome não espera. Mas a fome não espera nunca.

*[da Redação]

O Líder

Lincoln Secco*

A pergunta central da política radical sempre foi: por que a maioria se submete à minoria e o forte obedece ao fraco? Na sociedade brasileira, caracterizada historicamente pelo exercício de um tipo de hegemonia passiva por parte dos grupos dominantes sobre massas socialmente indecisas e politicamente desagregadas, os indivíduos não constroem suas representações em torno de idéias-força que os mobilizam para a defesa ativa de temas considerados de interesse geral. Eles aceitam passivamente seu destino e acreditam desconfiados nos ideais universais de democracia e igualdade. A eleição de Lula foi, desde o V Encontro Nacional, pensada no interior do PT como um momento da disputa pela hegemonia na sociedade civil. O que significaria, embora isso nunca se formulou profundamente, organizar permanentemente os fortes para que se acreditassem fortes, identificando-os com o seu partido e o seu líder operário. Quebrar-se-ia a passividade e se instauraria a hegemonia ativa do PT. Não se previa que a nossa sociedade civil, nem tanto ocidental, mas também nada oriental (em terminologia gramsciana), era terreno movediço para projetos racionalizados em contextos históricos e espaciais europeus. Uma vez no governo federal, o PT cumpriu, por vias tortas, uma parte de seu projeto, destruindo-se a si mesmo para fazê-lo. Ele conseguiu identificar o líder com os fortes, e estes, embora ainda se acreditem fracos, ligaram-se emocionalmente e pela primeira vez em nossa história a um presidente parecido à maioria de nossa população. Como símbolo, nenhum oponente supera Lula nessa identificação. Aí reside a dificuldade da oposição no pleito de 2006. Todavia, o lado ocidental da sociedade rejeitou com forte tom “ético” o líder e o seu partido. E fez

renascer a candidatura do PSDB. Ela tem a força dos fracos, ou seja, daqueles que, ungidos pela hegemonia de seus valores e organizados nos processos de universalização de seus interesses econômico-corporativos, conseguem parecer fortes e dominar. Não é desprezível essa força. Ela faz com que o próprio líder operário tenha uma política de valores burgueses. Mas se essa é sua fragilidade estratégica, é também sua força tática, posto que retira da oposição as propostas econômicas, reduzindo-a ao combate moralista. Lula escolhe o terreno de combate, o que é uma vantagem. No tope da sociedade e na parte mais carente, os temas moralistas cedem aos interesses imediatos. É entre os intelectuais orgânicos desses extremos, situados nos estratos médios, que tais temas merecem destaque. Como os intelectuais difundem suas idéias para outros segmentos, a conquista dos mais carentes dependerá da capacidade do petista não se envergonhar de sua bandeira (tarefa difícil). Não foi por outro motivo que a campanha da imprensa em 2005 se dirigiu contra o PT, seduzindo sua base social com a desilusão do presente e a esperança de um novo sol. Mas isso não é suficiente, e os cardeais tucanos bem o sabem. Será preciso dispersar os inimigos, os oficiais, cortar seus suprimentos, cortar suas relações de solidariedade a fim de que os soldados pareçam abandonados à própria sorte. Em linguagem clara: romper a ligação de Lula e do PT com os mais humildes. A única certeza no curto prazo é a de que o fraco continuará a comandar o forte. Revoluções não se fazem na passividade nem na crença num líder. Qualquer que seja o vencedor de 2006, o regime que mantém passivos os que estão em baixo, persistirá intocado. Por quanto tempo?

*[Historiador]



O ingresso na casa

Vem o cão e pede para entrar na casa. Mas o dono diz não, que agora não, que, por enquanto, não pode lhe autorizar a entrada. O cão se sujeita, acuado, humildemente. Ainda assim, latindo, pergunta se poderá entrar mais tarde.

- É possível, através do voto é possível, mia um gato que ali perto está, mas não agora!

O gato afasta-se da então porta da casa, aberta como sempre, e sobe na murada. O dono entra na casa e o cão, curioso, curva-se para espiar dentro. Ao ver tal atitude, o gato ri e lhe diz:

- Se tanto lhe atrai, experimenta entrar por meio das eleições, apesar de que eu ache que você não mereça. Por acaso não reparou que sou mais importante para o dono do que você? Meu pêlo brilha, sou limpo e asseado, eu ganho leite e a mim é permitido de quando em vez entrar na casa e repousar sob o colo do dono ou no sofá dele. Mas, ainda assim, sou somente o último representante desta sublime porta, acima de mim está o papagaio e acima dele o tucano. Dizem

ainda que acima de todos nós só está o Criador, mas eu mesmo nunca o vi. Deste modo, entre espécie e espécie de animais estão gêneros cada qual mais poderosos que outros. Eu mesmo não posso sequer suportar o olhar do segundo antes de mim... Portanto, cala seu latido.

O cão não esperava ou não previra tantas dificuldades, inda que em sua curta inteligência entendera o processo democrático. A entrada deverá ser, igualmente e a todo tempo, acessível para todos os habitantes da casa. Afinal, a democracia é isso, pensa ele. E pensando assim, olha para o gato espreguiçando em seu muro quente, seus olhos misteriosos e obscuros, seu torcer de nariz, seus fios de barba de um sábio, e prefere esperar por sua vez. O gato

de assustadoras garras aponta ao cão onde ele deverá ficar e manda-lhe sentar ao pé esquerdo da porta. Resignado como um cão deve ser, obedece.

Cão que ladra, não morde e ali fica, dias e anos: insone. Tenta através de sua alegre boa-fé inúmeras vezes participar do que acontece na casa e aborrece o gato com suas lamúrias. O dono por vezes aparece, brinca com o cão, dá-lhe um pouco de comer e beber; quando de bom-humor, convida-o para que entre na casa. Mas o cão, ético para com o gato, recusa-se satisfeito. Não está certo, pensa o cão, é contra a Lei. O gato faz-lhe então um agrado, e o cão, feliz, balança o rabo. De vez em quando, o gato demonstra-se agradável com o cão e por pequenas demonstrações de afeição consulta-o sobre seu esporte predileto: pegar ossos atirados pelo dono e enterrá-los.

Nunca se sabe o dia de amanhã, late o cão. Mas as perguntas são, como as outras, apáticas. E no fim, acaba sempre na mesma fábula, o gato recusando

suas lambidelas, arranhando-o e dizendo-lhe que não seja afobado e que espere por sua vez de entrar na casa.

E o cão, apostando todas as suas fichas de que a esperança é a última que morre e que não há obstáculos quando há perseverança, aguarda pacientemente ao rodapé da porta. E com um jeitinho só seu tenta chamar a atenção do dono.

- Olha, também sou filho da Natureza, e se estou agora conversando com você é porque o julgo esforçado nos seus intentos, mia o gato. Desculpa, tá? Mas não tenho ordem expressa de meus representantes para permiti-lo entrar na casa, eles não deixam. E são eles que pagam o meu leite, e depois, vai que eu o deixo entrar aí, como é que fica minha situação com o dono?

Dessa maneira, durante longos

anos ininterruptos, o cão observa o ganha-pão do gato. Esquece o passado e parece-lhe que, à parte e à porta da casa, a única pedra a ser removida é ganhar eleições. Um dia, após um esforço de cão, ganha. E apesar de achar ainda possível dialogar com o gato através de seus eleitos, não é ouvido nem por ele nem por seus enviados nesta história.

Nos primeiros anos, maldiz de sua má sorte, em alto e bom som; depois, ainda sentado – o que balança agora não é o rabo, mas as patas calejadas que brincam sozinhas entre as pernas –, limita-se a grunhir e ranger os dentes para si mesmo. O cão, sem já porquê ou razão relembra agora de sua infância quando chegou naquele lugar e, ao fim de tanto contemplar o gato serviçal pelo longo dos anos, conhece na sujeira dos pêlos deste até as pulgas. Louco, pede também a elas que o ajudem a convencê-lo. Enfraquecido de visão, o cão indaga se olha ou não para o fim do túnel da vida. Agora, a morte esta próxima.

Antes de morrer, idéias acumulam-se e confundem-se na cabeça do cão, as experiências de todos esses anos. E uma última pergunta ainda brota: acena para o gato meneando a cabeça, pois já não pode mover o seu corpo endurecido. No pé direito da porta da casa, o gato influente tem de se inclinar bastante para ouvi-lo, porque a diferença de alturas entre ambos se acentuou ainda mais, para detrimento do cão.

- Que saber quer agora? – pergunta o gato. – Você não cansa...

- Todos se esforçam, todos desejam atravessar a sublime porta e adentrar na casa – disse o cão. – Como é possível então que durante essa odisséia ninguém mais do que eu pretendesse entrar nela?

O gato compreendendo enfim que o cão morria, berra-lhe ao ouvido:

- Ninguém podia pretender isso, porque aqui não é a porta de entrada da casa!

Literatura

Escritos Políticos, de Simón Bolívar

Quem procura compreender as raízes do bolivarianismo pode encontrar uma boa compilação de discursos e cartas de Bolívar publicada pela Editora Unicamp, intitulada *Escritos Políticos*. Este livro apresenta textos centrais de seu pensamento, fundador de uma outra perspectiva para a América Latina, fruto da clara percepção das condições históricas. Perspectiva ausente no ensino brasileiro e que merece ser resgatada, na tentativa de formularmos uma consciência unificadora da América Latina [Bolívar, Simón. *Escritos Políticos*. Trad. Jaques Brand e Josely Baptista, Ed. Unicamp].



Ditadura Global

O livro *Formação do império americano – da guerra contra a Espanha à guerra no Iraque* (Civilização Brasileira), do Professor Luiz Alberto Moniz Bandeira, considerado um dos maiores historiadores brasileiros, conta como se deu o surgimento da maior potência mundial bem como ela se mantém no poder, ainda hoje, através de seu complexo industrial militar. O Prof. Moniz relata-nos não só a política interna dos EUA, mas também a externa, responsável por uma “ditadura global, sobreposta ao Direito Internacional”.

O filme "Robos" e a taxa de utilização decrescente

Cassiano Novais*

O filme-animação "Robos" (2004 - Fox Animation Studios/ Blue Sky Studios) é mais uma tentativa desesperada de moldar a cabeça da criança (e também de tantos adultos infantilizados) à ideologia neoliberal.

A nova fórmula de *Hollywood*, ao mesmo tempo em que aponta contradições importantes da produção capitalista, não pode avançar rumo a soluções radicais, pois que está ancorada ao ponto de vista do capital.

No caso do filme, a mensagem mais significativa é a da importância do aproveitamento das peças usadas e de fabricação antiga que constituem a manutenção dos robôs adultos e o "crescimento" das crianças robôs, já que a maioria deles, por serem trabalhadores comuns, não podem adquirir peças novas, que são muito caras. Assunto de extrema importância nos dias de hoje em que a "sociedade dos descartáveis" cresce cada vez mais e que a taxa de utilização decrescente afeta negativamente todas as três dimensões fundamentais da produção e do consumo capitalistas, a saber: bens e serviços, instalações e maquinarias, e a própria força de trabalho.

Com relação à esta mensagem principal, a conclusão que o filme aponta (para a alegria dos espectadores) é a da

vitória do menino-robô, inventor pobre que vai à cidade grande procurar seu ídolo, o "grande soldador", e consegue encontrá-lo e convencê-lo a retomar o controle da sua grande empresa monopolista que domina a produção e manutenção de peças que são reaproveitadas de forma criativa para que todos os cidadãos-robôs tenham acesso.

Afora a mudança de visão da indústria cinematográfica por causa do estágio mais do que senil do capitalismo pós-moderno, que chega mesmo a tocar em aspectos de fundo deste modo de produção, as soluções possíveis para suas contradições não chegam nem sequer a serem tocadas. Novamente, é a velha tradição estadunidense-imperialista-hollywoodiana, de solucionar os conflitos na figura do *self-made-man*, que com seu carisma, humildade e perseverança vence todas as dificuldades, com a ajuda dos seus fiéis seguidores, poucos amigos próximos, que servem apenas como humildes ajudantes em sua tarefa épica.

O capitalista mal, devoto de valores eugênicos, que busca o lucro a qualquer custo, auxiliado por sua mãe-demônio conselheira faz a figura do "bandido".

Ao contrário da tradição, os criadores do filme não glorificam a

tecnologia (mensagem incessantemente difundida em propagandas de carros último modelo e etc, ícones do status): fazem com que as crianças (e adultos) entrem em contato com a mensagem inversa, a que incentiva a reutilização da maquinaria velha que ainda está em condições de ser usada (procedimento ecológico, dada a degradação ambiental da produção capitalista atual).

Contudo, apesar desta virtude, o ponto principal, mas que não pode ser tratado no filme, pois iria diretamente contra os interesses das grandes transnacionais, é que a taxa de utilização decrescente da força de trabalho vivo (a mais potencialmente explosiva das três citadas) tende a jogar no desemprego grandes massas de trabalhadores, o que leva os economistas burgueses a encontrar paliativos à manutenção de suas equações de equilíbrio, na criação de novas categorias bizarras, mas que captadas mais ou menos tranquilamente pela maioria incauta e (ainda) empregada, como por exemplo *desemprego estrutural* - trabalhadores condenados a viver o desespero de não encontrar ocupação para poder sobreviver.

Robôs segue como exemplar marcante da cultura cinematográfica monopolizada por um punhado de empresas, organicamente ligadas aos interesses do grande capital, que permite que seus trabalhadores altamente remunerados façam suas críticas ao sistema sim, mas que de jeito nenhum pode conceder a eles a oportunidade - se é que eles têm interesse nisso - de tocar em problemas profundos das contradições alarmantes que a crise estrutural do sistema do capital, que se inicia em 1970 e se agrava neste início de século, fez surgir em nosso horizonte histórico.

Alienação

Orkut, prostituição e a deformação social

Segundo as revistas de tradições, bons costumes e propriedade (Editora Abril, etc), a rede de relacionamento virtual Orkut estaria sendo amplamente usada para a prostituição. Também pudera. A liberdade absoluta de comunicação que a internet trouxe (ao menos para os que a ela têm acesso), não veio acompanhada de educação, cultura, empregos...

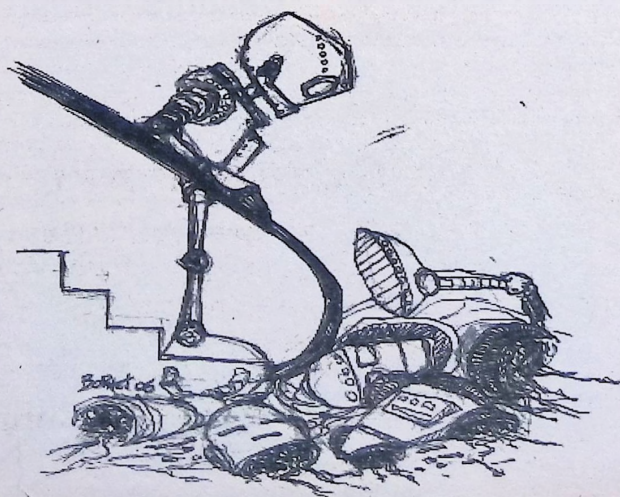
O capitalismo exclui a maioria das pessoas, mas mesmo as que não são excluídas são enjauladas: limitadas dentro do corredor "casa-chopincenter-escola particular"... Sendo assim, a fresta que estes jovens de classe média encontram para ver o mundo exterior, são os meios virtuais. E isso vale também para o desenvolvimento da sexualidade, visto que a relação humana se torna cada vez mais pobre.

A internet acaba por ser o instrumento que permite a vazão dos instintos. Desta forma, nasceram os "relacionamentos enlatados", tipo *orkut*, onde se pode obter "um verdadeiro relatório da vítima". Pode-se saber o rosto da pessoa, se ela está disponível, onde freqüenta, de que gosta.

Cada vez menos humanidade, menos relacionamento, menos possibilidades - assim se está construindo a cabeça destes jovens da elite, jovens que comandarão o futuro, mas que já não sabem conversar segurando uma mirada nos olhos... apenas se levantam de suas confortáveis poltronas para comer, comer porcaria, comer depressa, comer fora de hora, comer demais. Ironia.

O desequilíbrio, afinal, faz mal a todas as partes... uns não tem o que comer, ainda que quando tenham saibam ainda sorrir... Outros, os filhos da elite, são obesos, recalçados, retraídos, desumanizados e governarão o mundo, como homens-máquina, homens-guerra.

Eis o legado da modernidade científica desacompanhada do homem.



Poucas Palavras

Futuro?

"Estremeço. Como não ter Deus?! Com Deus existindo, tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vai-vem, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar – é todos contra os acasos. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma! Porque existe dor. E a vida do homem está presa encantoadá" (...) "Deus mesmo, se vier, que venha armado"

Guimarães Rosa ("Grande Sertão: Veredas", fala do jagunço Riobaldo, narrador-filósofo)

A linguagem transforma-se naturalmente em frases ocas a partir do momento em que se faz dela uma realidade autônoma.

Marx e Engels ("Ideologia Alemã" - em referência à filosofia idealista herdeira do hegelianismo acrítico)

O futuro para mim é o paraíso ou o inferno. É o paraíso pelo clima ou o inferno pelas companhias.

Manoel de Oliveira,
(cineasta e poeta português)

Se o nosso direito de viver
exige que sejamos
vencedores,
saibamos sê-lo com
grandeza!
Se nos pedirem tributo,
o tributo é sangue!
Se nos pedirem preço,
o preço é a vida!

Joaquim Namorado



Descarrega todo o peso do teu ser na ponta da pluma(...) Esquece tua memória. Escrever não significa converter o real em palavras, mas fazer com que a palavra seja real. O irreal só está no mal uso da palavra, no mal uso da escritura.

Augusto Roa Bastos (escritor paraguaio, em "Eu, o Supremo")

Provérbio árabe

Existem quatro coisas que não se recuperam:

a pedra depois de atirada,
a palavra depois de proferida,
a ocasião depois de perdida,
e o tempo depois de passado.

Los amorosos

Los amorosos callan.
El amor es el silencio más fino,
el más tembloroso, el más insoportable.
Los amorosos buscan,
los amorosos son los que abandonan,
son los que cambian, los que olvidan.
Su corazón les dice que nunca han de encontrar,
no encuentran, buscan.

Jaime Sabines (poeta mexicano)



Guia dos Museus

O Portal "Guia dos Museus" é dedicado à divulgação de páginas virtuais de museus brasileiros e estrangeiros.

Visite os principais Museus do Brasil e do Mundo, presentes na *internet*:

www.guiadosmuseus.org



Luiz Coppieters*

Por doze anos, de 1981 a 1992 travou-se em El Salvador a chamada “Guerra Popular Revolucionária” entre civis salvadorenhos (que lutavam pela reforma agrária) e a elite local (sempre subserviente aos ditames de *Uóchinton*). O saldo do confronto foi de 75.000 mortos e quase 1 milhão de exilados.

O exército salvadorenho, financiado pelo governo estadunidense, tinha a cruel prática de convocar, dentro das escolas, crianças que completassem 12 anos.

O filme *Vozes Inocentes* (2004), do diretor mexicano Luis Mandoki ilustra, de modo excepcional, o conflito na perspectiva de uma destas crianças (Oscar Torres, salvadorenho radicado nos EUA e autor do roteiro) prestes a completar doze anos.

Povoado Cuscatzingo. O garoto Chava, de 11 anos, é o homem da casa. Chove muito, tanto água quanto tiros. À noite - por mais certa que seja a guerra - surge do silêncio, alentadora, uma esperança de trégua.



“Vozes Inocentes” revisita a história salvadorenha

A história do menino Oscar e de El Salvador confunde-se com a de toda a América Latina.

Mas, a luz do dia mostra a crueldade como eram tratados aqueles que não empunhavam armas. O exército cerceia qualquer atividade “não adequada”, como ouvir a *Rádio Venceremos*, órgão da resistência que

“En el mundo no habrá paz / mientras haya explotación / del hombre por el hombre / y exista desigualdad / del hombre por el hombre / y exista desigualdad / No, no, no basta rezar / hacen falta muchas cosas / para conseguir la paz”. (“No basta rezar”, Alí Primera)

toca a música de Alí Primera - de cunho político revolucionário - enquanto soldados estadunidenses dão chicletes às crianças e sequestram salvadorenhas para estuprá-las.

Local público e seguro, apenas a igreja, onde o líder religioso retorna às origens de sua instituição ao levantar a voz ao povo e dizer: “Hoje não basta rezar.”

Estas lições, junto ao primeiro amor e às brincadeiras de criança, formam o ideário de uma criança que não consegue reconhecer senão sua inocência: “Por que querem nos matar se não fizemos nada?”, pergunta.

E neste ponto que cabe refletir como se dá a ação política na América Latina. O discurso atual em torno de uma democracia que não se realiza de fato - uma vez que é burguesa, e esta classe usa da força instituída para calar aqueles que o capital considera descartável.

É legítimo o uso da força para barrar as “transformações” que o discurso único aponta como naturais? A essa questão a história de El Salvador nos mostrou que graças à resistência armada se conseguiu grandes avanços sociais, como organizar parte da população, sobretudo em torno do grupo guerrilheiro *Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional* - FMLN.

Já o músico Alí Primeira é uma excelente mostra do poder de integração de nossos povos irmãos, pois sintetiza muitos anseios, dando força à resistência defronte ao imperialismo e cantando sobre a necessidade de lutar para obter a paz, mas não àquela daqueles que “querem deixar o mundo como está”.

E parece que Oscar Torres não se esqueceu da lição dada por sua avó - “Os que ficam, lutam” -, pois de seu modo, em seu tempo, nos iluminou com suas lembranças e nos anima para continuarmos lutando, ao nos expor sua história.

*(filósofo e escritor)

Parceiros e apoiadores

APEOESP, SINPRO-SP, DCE-Livre da USP, Associação Cultural de Educadores e Pesquisadores da USP, SINTUSP, APROPUC, Centros Acadêmicos de Economia (CAVC), Geografia (CEGE) e Educação (CAPF) da USP, Espaço Cultural O Jardim Elétrico e Consulado da Venezuela em S.P.



@ Jardim Elétrico
Espaço Cultural

CAPF
Educação - USP

Consulado Geral da
República Bolivariana da
Venezuela em SP

CEGE
Geografia - USP

DCE
USP

SINPRO SP
Filialidade à USP

acepusp

APROPUC

A PALAVRA LATINA

Leia e Colabore

Adquira Cotas de Exemplares para distribuição entre o seu coletivo

Incentive a imprensa popular e independente

apalavralatina@yahoo.com

www.acepusp.org.br/apalavralatina

www.nodo50.org/resumen

Aqui você obtém informação crítica acerca dos principais acontecimentos de nossa época, análises detalhadas e boa literatura!